

Editor — Germano Alves.
 Redactor — Abílio Domingues.
 Administrador — José A. Alves.

A NEVE

Redacção e administração —
 Rua do Progresso, n.º 5 — Castro-
 Laboreiro — Melgaço.

Director — Abílio Alves.

Composto e impresso na tipografia do
 «Jornal de Melgaço»

Assinaturas — Ano 3\$50;
 semestre 1\$80; trimestre \$90. Colónias
 portuguezas 4\$50. Países da União Postal
 (moeda portugueza) 6\$00. — Número avulso \$10.

Publicações — Linha, corpo do jornal \$10. Anúncios e reclames,
 contrato especial.

Pagamento adiantado.

Propriedade da empresa A Neve.

Semanário independente:-- Por Castro-Laboreiro

ESQUECIDOS

Há muito que penso na minha terra, comparando a sua prosperidade antiga com a sua decadência moderna. Tudo me comove, tudo fere a minha alma de Castrejo sincero, que apenas deseja a prosperidade do seu cantinho natal sem se preocupar com discussões políticas ou cousa semelhante.

Há momentos em que me convenço, que Castro-Laboreiro foi esquecido e está a ser escravizado por todos esses senhores feudais que nos cegos pelas suas promessas, elevamos ao poder. Custa-me a crer que tendõ Castro-Laboreiro a maior parte nas contribuições do concelho, não tenha direito a qualquer melhoramento como tem por exemplo a freguesia da Vila de Melgaço e as freguesias limítrofes!

Tudo isto me admira e revolta. Castro-Laboreiro, independente dentro concelho, poderia custear as suas despesas e promover os melhoramentos necessários; mas assim comendo-lhe para outras localidades o produto do seu trabalho, como poderá fazer frente ás suas despesas?

Visto que, não querem fazer os melhoramentos indispensáveis, senhores, olhem que já só pedimos o indispensável e no indispensável entram me-

lhoramentos com que a freguesia de V. Ex.ª também alguma coisa lucra, não nos enganem prometendo o que não teencionam fazer. Não procurarão também o desenvolvimento da sua terra?! Pois olhem que a estrada que nós pedimos, por julgar indispensável, não é mesmo para a Vila de Melgaço e freguesias por onde passar! Quem vê outros concelhos! Ali sim, ali é que tomam a peito a administração dos interesses do povo. Vejam esses concelhos por Portugal fora, cortados de estradas em tôdas as direcções; para não ir mais longe têm o exemplo no concelho de Monção e dos Arcos de Valdevez, que confinam com os nossos. Se não se julgam capazes de promover uma obra que se aproxime do modelo o possível, não disputem o assento não poder; deixem-se estar trabalhando dos seus negócios particulares.

Somos rudes, bem o sabemos, e como tal temos sido sempre considerados. Mas não pode ser de outra forma; uma pessoa honrada quando se vê lesada nos seus direitos, queixa-se e pede providências. Assim tem acontecido com o povo de Castro-Laboreiro, regularmente na sociedade. Pergaminhos não os tem; tem sempre cumprim-

do os seus deveres; por tanto ra. Qual será então o motivo visto que, a sua administração não lhe pertence era e é justo que olhem por ela.

Não o fazem, é claro; surpondo que se esquecem, lembramos. Sempre na mesma. Ora uma pessoa assim constantemente ludibriada, por força que tem de se revoltar de se tornar insolente contra quem, além de nos desprezar nos persegue. Sim, digo persegue, porque quem nos lesa nos nossos já cerces direitos; persegue-nos.

O Castrejo no estrangeiro por qualpner sítio onde se encontra é estimado por aquêles que o recebem no seio da sua Pátria com tôdas as amabilidades, e conquista a simpatia daquêles que o cercam. Cá em Portugal, na Pátria que lhes deu o ser, na terra que é a sua, são desprezados e escarnecidos. Porque? Pergunio eu. Porque não é tão instruido como esses *fidalgos de terras* mais importantes que esta, nem possui pergaminhos que possa mostrar para glória sua? Talvez; talvez seja esse o motivo! Mas vejim, de quem é a culpa?

Castro-Laboreiro foi sempre desprezado e em assuntos de Instrução, esteve sempre de pasto.

Os conhecimentos que cada um possui angariou-os no estrangeiro ou no seio da sua família e mesmo assim encontrada em volta duma sala, careavam a lá das ovelhas que nesta terra se criam em grande número.

Assim tem acontecido com o povo de Castro-Laboreiro, regularmente na sociedade. Pergaminhos não os tem; tem sempre cumprim-

do os seus deveres; por tanto ra. Qual será então o motivo visto que, a sua administração não lhe pertence era e é justo que olhem por ela.

Não o fazem, é claro; surpondo que se esquecem, lembramos. Sempre na mesma. Ora uma pessoa assim constantemente ludibriada, por força que tem de se revoltar de se tornar insolente contra quem, além de nos desprezar nos persegue. Sim, digo persegue, porque quem nos lesa nos nossos já cerces direitos; persegue-nos.

O Castrejo no estrangeiro por qualpner sítio onde se encontra é estimado por aquêles que o recebem no seio da sua Pátria com tôdas as amabilidades, e conquista a simpatia daquêles que o cercam. Cá em Portugal, na Pátria que lhes deu o ser, na terra que é a sua, são desprezados e escarnecidos. Porque? Pergunio eu. Porque não é tão instruido como esses *fidalgos de terras* mais importantes que esta, nem possui pergaminhos que possa mostrar para glória sua? Talvez; talvez seja esse o motivo! Mas vejim, de quem é a culpa?

Castro-Laboreiro foi sempre desprezado e em assuntos de Instrução, esteve sempre de pasto.

Os conhecimentos que cada um possui angariou-os no estrangeiro ou no seio da sua família e mesmo assim encontrada em volta duma sala, careavam a lá das ovelhas que nesta terra se criam em grande número.

Assim tem acontecido com o povo de Castro-Laboreiro, regularmente na sociedade. Pergaminhos não os tem; tem sempre cumprim-

do os seus deveres; por tanto ra. Qual será então o motivo visto que, a sua administração não lhe pertence era e é justo que olhem por ela.

Não o fazem, é claro; surpondo que se esquecem, lembramos. Sempre na mesma. Ora uma pessoa assim constantemente ludibriada, por força que tem de se revoltar de se tornar insolente contra quem, além de nos desprezar nos persegue. Sim, digo persegue, porque quem nos lesa nos nossos já cerces direitos; persegue-nos.

O Castrejo no estrangeiro por qualpner sítio onde se encontra é estimado por aquêles que o recebem no seio da sua Pátria com tôdas as amabilidades, e conquista a simpatia daquêles que o cercam. Cá em Portugal, na Pátria que lhes deu o ser, na terra que é a sua, são desprezados e escarnecidos. Porque? Pergunio eu. Porque não é tão instruido como esses *fidalgos de terras* mais importantes que esta, nem possui pergaminhos que possa mostrar para glória sua? Talvez; talvez seja esse o motivo! Mas vejim, de quem é a culpa?

Castro-Laboreiro foi sempre desprezado e em assuntos de Instrução, esteve sempre de pasto.

Os conhecimentos que cada um possui angariou-os no estrangeiro ou no seio da sua família e mesmo assim encontrada em volta duma sala, careavam a lá das ovelhas que nesta terra se criam em grande número.

CARPEADA

Uma noite passada, talvez ás 9 horas, se me não enganar, sentindo passar diversos rapazes pelo caminho próximo a minha casa lembrei-me que tinha sido convidado juntamente com diversos conterrâneos, para assistir a uma carpeada que se realiza numa casa do lugar.

Eis que chegam os rapazes devidamente preparados para dali a instantes, na carpeada, conquistar a afeição das donzelas que a todos nós esperavam. Dirigimo-nos ao edificio do «Primaveira Sport Club», ponto de reunião para a partida.

Fizeram-se ouvir os primeiros sons de concertina acompanhados por diversos instrumentos de corda, formando no conjunto uma harmoniosa orquestra que seria a música que deliciaria com o seu lindo e variado programa os ouvidos das castas donzelas que sentadas em volta duma sala, careavam a lá das ovelhas que nesta terra se criam em grande número.

Eis-nos transpondo o jardim da casa.

Que comoção, sentindo car-

sobre nós os meigos olhares daquelas raparigas aquêms tanto amávamos!

Parou o concerto e a conversa generalizou-se por todos, sendo apenas recortada ás vezes para ouvir silenciosamente uma peça de música executada brilhantemente a sólo pelo nosso bom amigo e inteligente administrador de «A Neve», sr. J. A. A. Carabel.

Terminada esta, no meio do merecido aplauso da assembleia, principiava outra vez a conversa amorosa entre os namorados que alegremente se contemplavam à luz dos gazómetros. Eis que sôa a meia noite no relógio da casa, pois a Ex.^{ma} Câmara não tem verba (?) para nos dar um relógio para uso do público.

A lá, que há-de servir para fabricar parte do vestuário da família sua possuidora estava pronta, graças ao trabalho infatigável dessas adoradas meninas, que agora depois de servido um succulento repasto se divertiram bailando com aquêles que, quem sabe, um dia serão os seus companheiros inseparáveis.

Agora já não é unicamente o sr. J. A. Carabel que nos dilicia com as suas agradáveis músicas. Os tocadores revezam-se para todos poderem gosar, dançando com o seu anjo estremecido.

!Tudo alegre! Que felicidade reina entre nós! Como nós, nos sentimos felizes longe do mundo, embora nestas speras montanhas!

E que aqui o céu é mais impido, o ar é mais puro e a gente não é tão traidora para com os seus semelhantes.

Só o romper da aurora é que veio acordar estes seres rípotizados pelo amor e pela música, fazendo perceber que ram horas de terminar, para ali a instantes, depois de desançar uns curtos momentos, à Igreja ouvir a missa do domingo.

Eis-nos saindo a porta da

casa da carpeada ao som da triste melodia acompanhada a canto pelos rapazes e raparigas, retirando-se para suas casas.

Como esta última quadra me ficou profundamente gravada na memória, embora já a conhecesse por ser uma quadra muito popular!

«Esta modinha das três
Esta modinha das quatro
Aqui anda o meu amor
Aqui anda o meu retrato.»

¿Porque seria então que tanto me impressionou?

Não sei. Muitas vezes a ouvi; mas só esta é que irra gravou profundamente na minha alma. Talvez fôsse por significar a imagem querida que constantemente me acompanha.

C. Labreiro, 20-11-920.

Sevla.

O MORCEGO

Os lavradores e suas famílias pagam, muitas vezes, com a mais negra ingratidão os valiosos serviços que alguns ani- mais prestam ás culturas, por não conhecerem os hábitos desses animais e os alimentos com que elles se sustentam.

Vejamos quais são os serviços que muitos d'elles prestam à lavoura, e por isso devem ser protegidos por todos como auxiliares gratuitos da agricultura.

O morcego, este pequeno animal, que ao escurecer começa a voejar em tórno das casas de habitação, é um mamífero, como as mulheres e os macacos. Tem este animalzinho uma vista muito apurada e um olfacto muito fino, de que se servem para apanhar insectos, que voam de noite.

Como a andorinha, o morcego vive nas suas casas de

habitação, e, como esta, devota uma grande quantidade de insectos prejudiciais à agricultura.

O morcego é um dos inimigos desses insectos nocturnos que nos são prejudiciais; por isso deve merecer-nos a mesma protecção que dispensamos ás andorinhas, em vez de ser perseguido cruelmente, como se vê muitas vezes. Um amigo meu teve a curiosidade de observar por um bocado de tempo três pequenos morcegos, que voavam em volta da sua habitação, e viu um tempo setenta mosquitos, e outro ainda doze borboletas.

E' preciso contar ás crianças estas cousas, para que ellas não persigam e maltratem os animais que nos auxiliam na agricultura, destruindo os insectos e outros seres, que prejudicam as culturas.

O morcego não causa prejuizo algum ao homem; muito pelo contrario, é o valioso auxilio dos agricultores.

Bento Morais.

A minha partida

Aproximava-se a noite. Era inevitável a minha partida. O tempo estava chuvoso; ao longo do rio Minho uma nuvem escura representava uma medonha tempestade. O sol pouco a pouco escondia-se no horizonte; o dia perdia a sua luz brilhante; estava prestes a cair a noite.

Não tenho remédio senão retirar-me, disse eu murmurando. A viagem é tão complicada, que sinto receio em atravessar os bosques medonhos de noite, receiando que os lobos me persigam, e seja vítima de qualquer contratem-

po; coragem é que se precisa. Muita custoso se me torce o tempo, a desligar-me dum ente que só no mundo amo e adoro. O triste adeus dum ar-

de despedida era impossível a meus lábios pronunciado, como é triste o despedir-se, ausentando-se por longos dias daquêles que tanto se ama. Afinal é inevitável. Despedi-me comovido apertando, entre as minhas, a mão delicada dum eucantadora donzeia. Despedi-me; porém ela não satisfeita ainda com a nossa entrevista convidou-me a visitar um pequeno jardim para me offerir um bouquet de fiôres, os quais acci-tei e conservo ainda com vertida parecida aquela que apresentava no canteiro.

«Aquêles bouquet precioso. Guardei-o num cofre antigo. Sinto ás vezes o rei do reino Da noite sonhando contigo.»

Rogério.

O nosso jornal

Pedimos a tôdas as pessoas a quem enviámos «A NEVE» e que a não queiram assinar o favor de a devolver à redacção.

Noticiário

Iluminação pública

Devido à falta de gaz encontram-se há anos apagados os candieiros públicos, estando portanto Castro-Labreiro completamente ás escuras.

Dai advem grandes prejuizos para o público, como sejam; o esbarrarem-se os transeuntes, as quedas com ferimentos e principalmente o não sermos vistos por aquêles a quem compete o dever de por nós olhar levantando-nos deste caos em que há muitos anos estamos abismados.

¿Quereis engordar em pouco tempo? Tomai todos os dias chocolate da afamada fábrica «Caravelos», de Castro-Labreiro.

Incêndio

No dia 17 do corrente pelas 18 horas, deu-se no lugar do Ribeiro, desta freguesia, um pavoroso incêndio, sendo de habitação pertencentes aos srs. Manuel Esteves, Manuel Monteiro e Francisco Esteves.

O incêndio foi devido a fagulhas que se introduziram nos mantimentos do gado quando andavam desinfectando uma corte onde estavam animais com a febre aftosa.

Causou importantíssimos prejuízos, pois as ditas casas arderam completamente não conseguindo salvar-se quasi nada e salvando-se mesmo os seus habitantes custosamente pelas janelas.

Ao sr. Francisco Esteves, além do prejuízo proveniente da casa e móveis, teve mais a infelicidade de não poder retirar a quantia de 1.500\$00 que guardavana carteira, e de ver sua esposa horrivelmente queimada no rosto e nos braços.

Nenhuma das casas estava segura em companhia alguma de seguros o que é bastante de lamentar.

Da América do Norte

Chegaram a esta freguesia os nossos amigos srs. Manuel Fernandes e Manuel Pires, o primeiro de Portela e o segundo de Queimadelo.

Damos as boas-vindas aos recen chegados que já tivemos o prazer de cumprimentar.

Capotes à Alentejana

Fazenda para Capotes à Alentejana e bons forrões para os mesmos, tem o estabelecimento de Viuva de Domingos A. Alves & Filhos.

Praça da República, 3, 4 e 5 — Castro-Laboreiro.

Brincando

Talvez por brincadeira a guarda republicana fez seguir para Melgaço o sr. Francisco José Rodrigues, muito digno chefe da estação postal desta Vila, que depois de apresentar os cumprimentos do estilo veio para sua casa onde tivemos o prazer de felicitar.

O motivo desta viagem forçada foi o seguinte, segundo dizem;

Tendo de madrugada apa-

recido o lobo nas proximidades desta Vila, safu este senhor com a arma em sua procura, aparecendo-lhe na volta para casa, duas praça da guarda republicana, intimando-o a acompanhá-las, não o deixando sequer entrar em casa para se mudar de fato e munirse com o indispensável dinheiro para suas despesas.

Falecimento

A 23, faleceu nesta freguesia, o sr. Manuel António Alves, irmão do rev. P.º José António Alves, e sobrinho do rev. Reitor de Prado, Francisco António Gonçalves.

Faleceu ainda bastante novo.

A sua família enviamos os nossos sentidos pêsames.

Anedotas

Dizia um padre a um rapaz seu confessado:

— Meu filho, repele os falazes enganados do mundo. Defende-te com valor das tentações do demónio e teme a carne.

— Não lhe dê cuidado, meu bom padre, com respeito à

carne. Pelo preço que está não pode a gente meter-lhe o dente.

Como testemunha depõe um indivíduo que tem, por hábito bater na mulher três vezes por dia. O juiz convidou-o a fazer juramento.

— Levante a mão direita. O homemzinho olha em torno.

— Que é que quer? pergunta-lhe o juiz, — Procuo a minha mulher.

— Teu tio, dizia um marido à mulher, escreve-me pedindo 100 libras, e eu, com franqueza, não tenho muita vontade de lhas emprestar.

— Pois então responde dizendo-lhe que não recebeste a carta dele.

Sinceridade:

Êle — Tu para mim ainda me és mais cara do que a própria vida.

Ela — Ora, adeus... isso são coisas que se dizem...

Êle — É verdade pura, Olha, para vir a este mundo não gastei 5 reis e, para ofe-

recer-te esta pulseira, gastei bom padre, com respeito à 50 libras!

fazem-me mal. Ouve os convulsos... um suor frio lhe batesse de tua mãe que pouco viveu. Escuta-os, guarda-os,

porque são o testamento de amparar-me: tenho frfio... que que ficas herdeira! Olha, dizia ro-vos beijar... vinde já... a pobre doente abraçada à filha eu morro... esse medalhão

abreu o teu coração a poucos, Não pôde acabar. Porque porque há pouco quem saiba no último beijo da filha pas-

sentir; levanta sempre os teus olhos ao céu e desvia-os da terra; ouve de todos e não fa-

romper da manhã chegava o les de ninguém. Ficas pobre, P.º Bento, zeloso cura das mas a economia é a riqueza daquela freguesia. Era bom e dos necessitados. — Ai! Helena!

Helena! É a virtude com Brito. Entraram e só ouviram mo a flôr, mas se o vento do mundo a cresta, murcha como orvalhadas em suspiros.

Depois, mais nada! só a ela no outono... (E soltou uma suspiro.) Depois, mais nada! só a mortalha duma mãe e a dor

Parou um pouco com a respiração oprimida. Mas de repente começou a tremer con-

FOLHETIM N.º 3

Martírios da vida

ROMANCE

por

P.º Silvino de Sousa

II

Helena, cosida com o leito, escutava o menor rumor e ia desfiando orações à Virgem beijava-lhe a fronte.

De repente ergue-se no leito a infeliz. Olha em roda numa miragem esgazeada e louca, treme-lhe a voz e grita: Vou-vos deixar... (e aqui fez «Helena, minha Helena?» longa pausa).

— Que é mamã? Estou aqui. — Deixa tocar a tua mão. — Aqui tendes.

— Mas que vos impressiona mamã?

— Ai, minha filha, vi sangue, muito sangue.

— Sangue?! — Sim, Helena.

— Socegai, era o delírio de vossa febre. Estais já melhor?

— Estou, sim, cara filha, porque a morte não tardará.

— Dormi que tendes muita febre. Ardeis em calor. Deitai-vos, eu vos peço. E Hele-

na, aconchegando-a ao peito, não posso. Sinto a morte próxima. Se uma bondosa

filha. Ai, ficam ao teu cuidado essas pobres creanças.

parte-se de dôr; porém a vossa alma vóa comigo. Filha,

res, porque as tuas lágrimas

parte-se de dôr; porém a vossa alma vóa comigo. Filha,

res, porque as tuas lágrimas

(Continua)

Viuva de Domingos A. Alves & Filhos

Estabelecimento de fazendas, ferragens e miudezas
Praça da República, 3, 4 e 5--Castro-Laboreiro--Melgaço

Neste antigo e conceituado estabelecimento encontra-se à venda pelos mais reduzidos preços, um grande e variado sortido de fazendas para fatos, em lindos padrões: um grande sortido de calçado da última moda a preços sem competência; ferragens de fabricação esmeradíssima e o mais completo sortimento de miudezas.

Não compreis nada sem primeiro visitar este estabelecimento, pois é a que vende de mais barato, atendendo a que compra directamente ás fábricas.

A ESPANHOLA

Fábrica de chocolates movida à força hidraulica, fundada 1908 e reconstruida em 1919. Chocolates fabricados pelos últimos sistemas adoptados em Madrid e Barcelona: cacau, cacaca, açúcar, canela, baunilha e uma pequena quantidade de manteiga de vaca.

Viuva de Domingos António Alves & Filhos.—Castro-Laboreiro.

Depositário em Melgaço—Francisco Augusto Igrejas—Alfaiataria Felix.

CACHORROS

Precisa-se comprar 3 cachorros da verdadeira raça de Castro-Laboreiro. Quem os tiver dirija-se a esta redacção.

Chocolate à espanhola

Já se encontra à venda na «Loja Nova» do Esteves, esta excelente marca, exclusivo desta casa.

Desconto aos revendedores.

António Bento Domingues Cordas

Estabelecimento de fazendas, mercearia, calçado, ferragens e miudezas
CASTRO-LABOREIRO—MELGAÇO

Este estabelecimento vende tudo que há, das melhores marcas, tanto artigos nacionais como das melhores fábricas estrangeiras.

Quem desejar fazer boas compras, visite este antigo estabelecimento, pois poderá comparar os preços e qualidades.

Preços sem competência.

VENDAS A DINHEIRO

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904.

Xarope Peitoral James

Premiado com medallas de ouro nas exposições: Lisboa 1888, Paris 1889, Sétim 1895, Avers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Heroico contra todas as afeções dos órgãos respiratorios, taes como: tosses rebeldes ou convulsas, ataques asmaticos, bronquites agudas ou crónicas. Legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS.
PEDRO FRANCO & C.
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA.

Sêlos para colecções

Faço permutas de sêlos postais por quantidades ou base Ivert et Tellier. Tanto permuto sêlos nacionais por estrangeiros, como estes por nacionais.

Herculano Pinheiro.
MELGAÇO

Joaquim A. da Silveira
Máquinas, Drogarias e Matérias
Primas.
Comissões e Conta Própria—Rua da Picaria 96.
—PORTO, Teleg. Representativel